1.º anno — Lisboa, 29 de setembro de 1884 — Numero 14

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

DEPOIS DO BAPTISADO (Quadro de Beker)

SUMMARIO

CHRONICA

Escreveu ha dias um dos chronistas mais brilhantes da nossa terra que, para se architectar uma chronica, era preciso ter arte.

Esqueceu-lhe enumerar outros requisitos indispensaveis:—ter assumpto quando ha espaço de sobejo, dispôr de muito espaço quando os assumptos saltitam em dansa macabra na nossa frente, como hoje nos succede, tristes uns, outros alegres, muitos d'elles fazendo vibrar a guizalhada estridula dos *pierrots* carnavalescos, alguns pavorosos e sinistros como elegias, desvendando-nos o espectaculo medonho de cadaveres mutilados pela nitro-glycerina das execuções nihilistas, ou deixando-nos entrever, atravez de lugubres noticias importadas da America, o subito aniquilamento d'uma grande e luminosa intelligencia d'artista, immergida nas trevas da loucura.

Ha de tudo isso hoje, e muito mais, mas a chronica anda permanentemente escravisada, tem de restringir-se, como qualquer misero recluso a quem não é dado transpôr oito palmos quadrados de cellula, ás minusculas proporções de columna e meia de prosa.

Todas as considerações que saltarem audaciosamente esta barreira, hão de ficar sepultadas nas profundezas do tinteiro, onde tanta verdade se afoga e tanta coisa boa se asphixia...

Vão dizer-nos, talvez, esboçando um meio sorriso escarninho, que somos uma entidade atribulada por pessimismos rebeldes, que nunca estamos contentes, que achamos tudo mau, ou que não fazemos senão balbuciar umas desculpas banaes de mau pagador, accommodaticias e salvadoras de grandes apuros.

Injustiça no caso.

Seja dito em boa verdade, tinhamos hoje grande cabedal de factos palpitantes para te vir desenrolar diante dos olhos, queridissima e curiosa leitora.

A Trafaria, uma povoação que parece amaldiçoada de Deus, e onde eu nunca me aventurei a assentar barracas, nem mesmo de banho, como faz Gabriel Claudio, forneceu-me um d'esses factos, tenebroso e triste.

Fabrica-se ali um preparado chimico—a dynamite—hoje muito apregoado nos reclamos do socialismo demolidor.

Vae senão quando, sem se saber como nem porque, houve explosão na fabrica, e lá se foi tudo pelos ares, n'um ruim quarto de hora... materia prima... officina... fabricadores... uma hecatombe a dois passos do Tejo frio e impassivel, tendo por theatro a areia movediça e indifferente da praia.

O epilogo d'este medonho desastre narra-se em meia duzia de singelissimas palavras, que se desdobram n'um poema infinito de lagrimas.

A explosão assassina deixou quatro familias sem chefe e um bando de creancinhas sem pão.

Venham dizer-nos agora que a Trafaria e a Costa de Caparica não estão excommungadas!

Eu, se podesse incarnar-me na avantajada pessoa do nosso bom amigo Jayme Pinto, illustre representante d'aquelle circulo enguiçado, antes de levar soccorros aos meus eleitores perseguidos pela mais real das macacas, levava-lhes um santo padre que os benzesse.

D'exorcismos é que elles precisam!

Enlouqueceu Emilia Adelaide? Não se sabe ao certo.

A noticia d'esta subita desgraça veio do Brasil n'um dia chuvoso e triste, e tristemente se espalhou pelos passeios, pelos cafés, pelos theatros e pela imprensa.

Desmentiu-se depois, mas o desmentido parece apoiar-se em rasões futeis, que nos não convencem, que não nos apagam da alma a primeira impressão dolorosa e funda.

E' quasi sempre verdadeira a má nova, e inclinamo-nos a crer que esta o seja.

O grande talento, que illuminou a scena portugueza com as suas scintillações douradas, atrophiara-se ha muito, antevendo o approximar da velhice implacavel, e luctando com revezes esmagadores, que lhe feriram profundamente os orgulhos d'artista.

D'aquelle estado á loucura ia um passo curto. Dar-se-hia elle, com effeito?

Abriu D. Maria com a *Fédora*, e estreiou-se a Pepa nos Recreios. Podia dizer-te muito da abertura d'aquelle formoso theatro e da estreia d'esta graciosissima actriz, mas não m'o consentem as curtas dimensões da chronica.

Em D. Maria houve ausencia de orchestra: nos Recreios exuberancia de *malaguenas* bem cantadas.

Tenho aqui a namorar-me, perfumado e feiticeiro, sobre a minha mesa de trabalho, um livro de versos adoraveis, d'esses que se lêem com admiração e jubilo, e que rescendem todas as fragrancias dulcissimas d'uma boa e honesta mocidade.

Chama-se DISPERSOS o formoso volume. O seu author é Eduardo Coimbra.

Não conhecemos o poeta, mas dizem-nos que é moço, que faz parte da gloriosa phalange de brilhantissimos talentos portuenses, que se inspira no arrulho das crystalinas aguas do Douro, marchando á frente dos modernos artistas litterarios da cidade invicta.

Assim deve ser, com effeito.

Quem sabe, como Eduardo Coimbra, burilar o verso, imprimindo-lhe todos os bellos cambiantes do sentimento artistico, e prendendo-nos a alma a cada uma das suas estrophes luminosas como lascas de diamante, não assentou hontem praça na legião dourada dos poetas, não é simples recruta com logar nas ultimas filas dos batalhadores da Poesia.

Os DISPERSOS marcam-lhe um posto de honra na vanguarda dos lyricos illustres, onde João de Deus empunha triumphantemente o glorioso estandarte dos que teem jus a renome e dos que conquistaram direitos a menção honrosa nos annaes da critica.

Nunca lastimámos tanto, como hoje, que este semanario esteja encastellado n'um recinto limitadissimo, por onde nos não é licito ir atraz d'uma idéa sem topar na frente com um baluarte inexpugnavel,—a falta do espaço.

Queriamos palestrar com Eduardo Coimbra, n'um cavaco de bons e velhos amigos, que se comprehendem sem nunca se terem visto.

Desejavamos contar-lhe a impressão agradabilissima que os seus versos gravaram no nosso espirito

Sentiamos tentações de esboçar o seu retrato á penna, nós, que nunca fitámos o original, mas que o estamos entrevendo agora, vagamente, n'aquella digna e honesta dedicatoria do livro, em que o poeta de dezeseis annos uberrimos, desentranhando-se no mais santo amor filial, consagra á mãe estremecida os fructos opimos do seu talento promettedor:

. . . .

> Venho entregar-te os meus primeiros versos,
> Como em troca dos beijos que me déste.
>
> É como dar um grão de luz ao ceu;
> É como dar um grão de areia aos mares...
> Não valem todos um dos teus olhares!
> Não valem todos um só beijo teu!

Mas já que a palestra é impossivel e o perfil do moço poeta não pode sahir-me da phantasia, onde a exiguidade do papel o condemna a reclusão perpetua, roubemos, pelo menos, ao formoso *bouquet* dos DISPERSOS, esta pequenina camelia assetinada, e fechemos com ella a nossa desflorida chronica.

É de crer que a leitora venha arrancal-a d'aqui e a tome como adorno para os seus negros cabellos sedosos.

Eduardo Coimbra ficará satisfeito, e nós, por tabella, participaremos dos seus jubilos legitimos.

Ahi vae a flor:

> Quando tu passas, timida, sorrindo,
> Alegrando-me a alma dolorida
> Quizera ser a pedra endurecida,
> Onde poisas o pé pequeno e lindo.
>
> Quando tu passas, timida, sorrindo,
> N'uma alegria candida, sentida,
> Eu sinto-me surgir, de novo, a vida,
> E fico todo n'um prazer infindo.
>
> Para a minha alma pallida e sombria,
> Desponta o sol purissimo do dia,
> Inundando-a de luz serena e pura:
>
> Mas depois do teu vulto perpassar,
> Quando me falta a luz do teu olhar,
> Depois,—vem outra vez a noite escura...

A poesia é isto.

*

É verdade, chegaram os elephantes!...

C. DANTAS.

A ULTIMA SESSÃO DAS CORTES DE VINTE

Devemos confessal-o: não foi digna do nobilissimo papel desempenhado até então pelos representantes do paiz a sessão que poz termo aos trabalhos parlamentares em Portugal depois de um curto ensaio de tres annos. Em presença da reacção triumphante, as côrtes desappareceram por um alçapão, sem um protesto energico, sem uma resolução heroica. Era no dia 2 de junho de 1823. Estava ainda em Villa Franca, cercado de tropas, é certo, acompanhado de má vontade pelo rei que mais parecia um prisioneiro do que um triumphador, o infante D. Miguel. Jorge de Avilez, o intrepido general, que no Rio de Janeiro mantivera corajosamente os direitos da mãe patria, collocára-se á frente da força armada, que ficára em Lisboa, e que, apesar de se compôr quasi exclusivamente de guarda nacional, parecia animada dos melhores sentimentos. Jorge de Avilez louvava sobre tudo o corpo de commercio, o corpo de atiradores occidental, o batalhão de artilheria oriental, affirmava que os destacamentos e guardas de tropa de linha que estava em Lisboa se portavam o melhor possivel, que se lhe tinham apresentado muitos officiaes pedindo para ser empregados na defeza da causa liberal.

José Antonio Guerreiro, o energico ministro da justiça, enviára a sua demissão a el-rei, e assim o communicára ás côrtes. Não diremos que estes elementos de resistencia seriam bastantes para fazer triumphar uma causa, que a situação geral da Europa tornava irremediavelmente perdida, mas eram sufficientes pelo menos para auxiliar as côrtes, se ellas quizessem fazer contra a violencia de que iam ser victimas um protesto valoroso e digno.

Era pois o dia 2 de junho, e a sessão abriu-se tristemente, presidida por João de Sousa Pinto de Magalhães. Leram-se na mesa os officios, a que atraz nos referimos, do ministro da justiça e do general das armas. Não conseguiram retemperar a energia d'essa camara profundamente abatida.

Borges Carneiro tomou a palavra, e fez sem commentarios uma proposta para que as côrtes se não considerassem dissolvidas, e suspendessem apenas as suas sessões, encarregando a commissão permanente de as convocar de novo, quando o julgasse opportuno.

E' um triste documento este que citamos. Que lugubre atmosphera enchia aquella sala para que um homem de tanto brio tomasse a iniciativa de uma proposta, que era uma simples evasiva, com que se pretendia cobrir a debandada que não tardava!

Ferreira de Moura fez então um discurso, que é uma vergonha: «Tudo está perdido, dizia elle, excepto a honra da nação e a honra dos seus representantes, como dizia um monarcha francez depois de uma grande derrota.»

A comparação era deploravel. Francisco I podia escrever a phrase celebre: *Tout est perdu fors l'honneur*, porque se batera como um leão, antes de entregar a espada partida aos vencedores de Pavia. Os representantes do paiz nem tinham visto luzir uma bayoneta inimiga. Fugiam diante da poeirada de Villa Franca, que nem sequer vinha ainda proxima.

«Todo o ponto está pois em vermos como se ha de correr o panno, continuou elle, sobre esta scena e para isso vejamos a situação respectiva dos que figuram n'ella. O poder militar, o rei, a nação, os seus representantes são os quatros interlocutores d'esta peça celebre.»

Se estava tão theatral Ferreira de Moura, devia lembrar-se que era ridiculo dar um final de farça a uma tragedia sublime. Real ou inventada, o fecho da situação era a phrase celebre attribuida a Mirabeau: «Estamos aqui pela vontade do povo, e só sahiremos pela força das bayonetas.»

«Que espectaculo, senhores, accrescentava elle no meio de geraes applausos, é ver um deputado atravessando as ruas da capital e receber por toda a parte, como até aqui, os mesmos e ainda mais inequivocos testemunhos de respeito, de attenção e de benevolencia.»

Pois se tinham essa força ainda, quem os obrigava a retirar-se? Essa declaração e o applauso com que a recebiam davam a medida da fraqueza da camara.

«Ceder e protestar é portanto o meu voto.»

Foi o voto da camara tambem, depois de algumas palavras de Manuel de Serpa Machado e de Bento Pereira do Carmo. Protesto inutil de que ninguem fez caso, porque foi prematuro e tibio. Esse mesmo protesto não o assignou Ferreira de Moura, que saiu da sala por doença que o atacou repentinamente. Depois das palavras que pronunciára vinha pouco a proposito a doença.

Os signatarios são João de Sousa Pinto Magalhães, que foi depois por varias vezes ministro, Agostinho José Freire, o celebre ministro de D. Pedro IV que teve tão tragica morte, o medico e poeta Lima Leitão, Henriques Gayo, Pimentel e Abreu, Antonio Pretextato de Pina e Mello, Bento Pereira do Carmo, ministro do reino no primeiro ministerio de D. Maria II, Bernardo Teixeira, o grande escriptor D. Fr. Francisco de S. Luiz, depois patriarcha, o celebre canarim Bernardo Peres da Silva, Tavares e Oliveira, Moraes Pessanha, Francisco Antonio de Campos, depois barão de Villa Nova de Foscôa, Carvalhosa, Lemos Bettencourt, Francisco de Paula Travassos, Leitão Castello Branco, Francisco Simões Margiochi, depois par do reino, Gregorio José de Seixas, Cordeiro da Silveira, João Baptista Felgueiras, que fôra o primeiro secretario d'essas famosas côrtes de Vinte, Freitas Branco, deputado da Madeira, Soares Castello-Branco, Borges de Amorim, João da Silva Carvalho, Cunha Goodolphim, Sousa e Albuquerque, Joaquim Lopes da Cunha, Oliveira e Sousa, Annes de Carvalho, que foi depois arcebispo de Evora, Galvão Palma, José Bento Pereira, o conhecido escriptor José Liberato, Mascarenhas e Mello, Pereira Derramado, que adquiriu depois uma celebridade parlamentar, Pereira Pinto, Santos do Valle, o erudito Barreto Feio, Manuel Antonio de Carvalho, depois barão de Chancelleiros, o celebre Borges Carneiro, Pimenta de Aguiar, escriptor conhecido pelas suas mediocres peças de theatro, Correia de Lacerda, Manuel Dias de Sousa, Manuel de Macedo Pereira Coutinho, que foi par do reino, Correia de Castro, o grande mathematico Manuel Pedro de Mello, Rocha Couto, Manuel de Serpa Machado, o illustre poeta Pato Moniz, amigo de Bocage, Rodrigo de Sousa Castello-Branco, Roque de Abranches, depois visconde de Midões, o illustre lente da universidade Thomaz de Aquino, Alberto Carlos de Menezes, Sousa Queiroga, Basilio Alberto, depois visconde de S. Jeronymo e o ultimo que sobreviveu a todos os seus collegas, Antonio Vicente de Carvalho e Sousa, o ultimo secretario das côrtes, Francisco Botto Pimentel, e os quatro deputados do Brasil que ainda se conservavam nas côrtes—Domingos da Conceição, Francisco de Sousa Moreira, Joaquim Theotonio Segurado, José Cavalcanti de Albuquerque.

Estes deputados assignaram o seguinte mansissimo protesto:

«Os representantes da nação portugueza, ora reunidos em côrtes extraordinarias, achando-se destituidos do poder executivo, que leve a effeito quaesquer deliberações suas, e desamparados da força armada, declaram estar na impossibilidade de desempenhar actualmente o encargo das suas procurações para os objectos para que foram convocados; e porquanto a continuação das suas sessões poderia conduzir ao perigo *de ver a nação menosprezada nas pessoas de seus representantes* (!), sem esperança de utilidade publica, interrompem as suas sessões até que a deputação permanente, *que fica continuando em exercicio* (!!) ou o presidente das côrtes julgue conveniente reunir os seus deputados; e protestam, em nome de seus constituintes, contra qualquer alteração ou modificação que se faça na constituição do anno de 1822.»

Pondo pois no seguro ás suas pessoas, não por sua causa, mas por causa da nação, e impingindo o encargo á commissão permanente, que se aguentaria como podesse, os 61 deputados foram se embora, ás 2 horas da tarde.

Ninguem deu por isso.

Era um triste fim de tão gloriosa peça.

PINHEIRO CHAGAS.

OPTICISMO

E. T.

Meu sonho de te haver, que se constella
dos doirados affectos, que eu diviso,
a renascer a flor do teu sorriso,
como renascem brilhos n'uma estrella:

ha de acabar-se um dia, como aquella
luz que apagada cerra um Paraizo...
se na esteira fatal em que deslizo
não para essa visão sinistra e bella:

pois, se a meu peito um vão desejo arranco
julgo ver-te fugir, toda de branco,
o lyra juvenil d'estes harpejos,

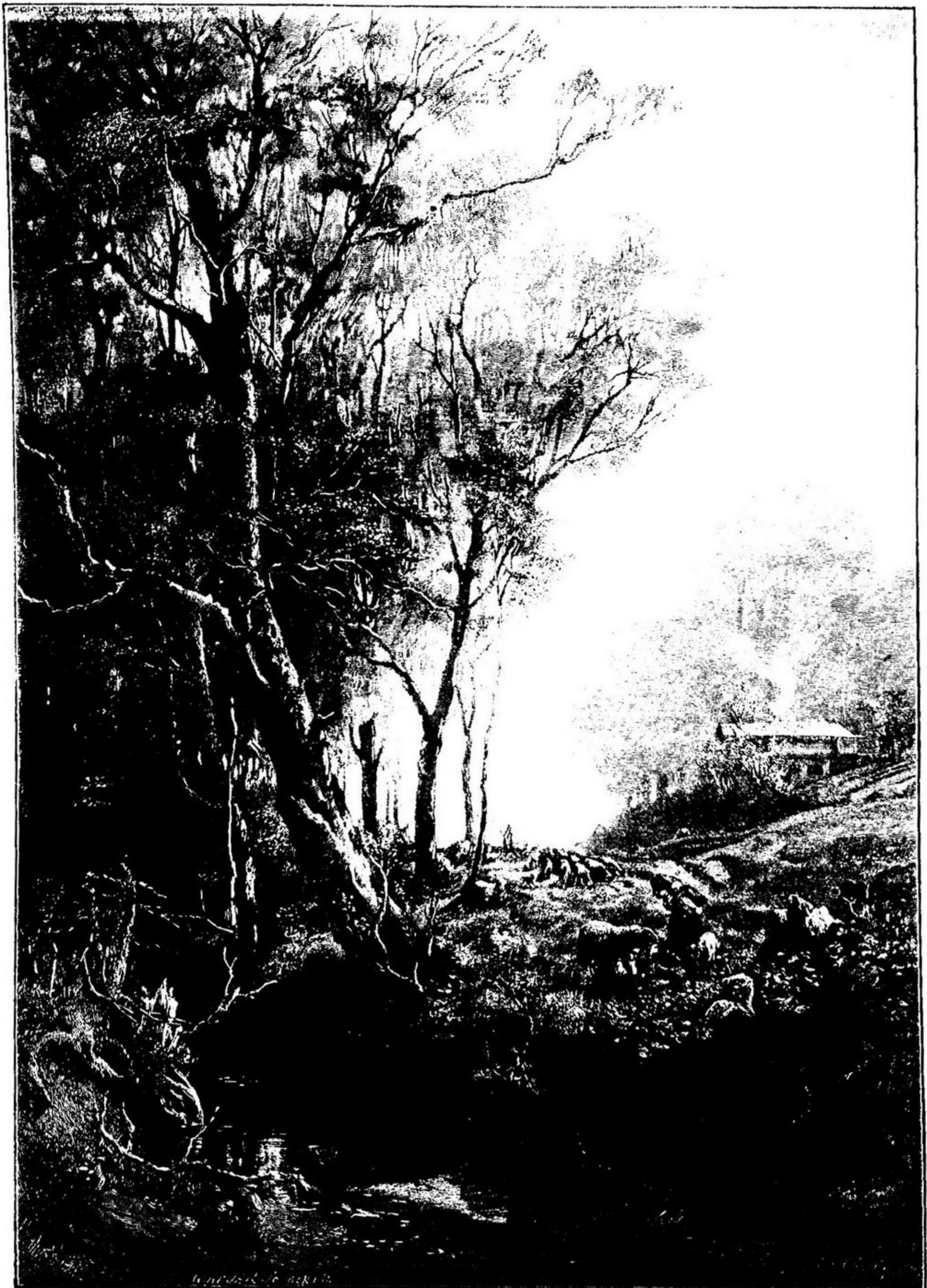
ou no berço ideal do vento sul,
ou em nuvem purissima de azul,
embutida de lagrimas e beijos...

1883.

ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

DEPOIS DO BAPTISADO

Desde tempos immemoriaes que os baptisados da aldeia se caracterisam por aquelle mesmo cortejo alegre e risonho da nossa estampa. A comadre na frente, com o pimpolho ao collo, envolvido em rendas e cambraias; depois, os padrinhos, a familia, os irmãositos do neophyto, muita alegria em todos os rostos, muita phrase de parabem... que cresça com saude e fortuna... que

UM DIA DE MAIO (Quadro de Karl Ludwig)

A MULHER QUE DEITA CARTAS

(Quadro de J. Wehle)

Á BEIRAMAR (Quadro de M. Artz)

Deus nosso Senhor dê largos annos de vida ao pae e á mãe para não ficarem só ali...

E as visinhas a espreitarem aos postigos, e o padre prior a acompanhar o farrancho até casa, para assistir ao copo d'agua tradicional...

As solteiras é que nunca vêem com bons olhos aquellas festas. Provocam-lhes desejos de mudar d'estado e ancias de ser mães.

UM DIA DE MAIO

Um dia de maio em pleno campo. A primavera a scintillar, exuberante de feitiços, na arvore que floresce, no regato que serpenteia por entre flores, no arbusto que viceja, na risonha paizagem que se illumina, na seára que se balouça em ondulações caprichosas, favoneada por uma doce brisa muito suave.

Se o campo fosse sempre assim, em todas as estações do anno, não haveria nada mais bello.

A' BEIRAMAR

Ceu limpido, horisontes largos e claros, muitas velinhas brancas ao longe, deslisando á superficie do mar tranquillo e espelhado... tudo, emfim, quanto póde enlevar os olhos e despertar endeixas sentimentaes aos bardos piégas, se ainda existe d'isso no meio prosaico e realista em que vivemos.

Por sobre este conjuncto de bellezas variadas, uma rapariga que trabalha e scisma.

A praia e um perfil de mulher. Vejam que duas coisas tão tentadoras!

A primeira attrahe-nos com a sua alvura, deixa-nos entrever refrigerios de natação hygienica e salutar; o segundo falla-nos vagamente d'amores mal correspondidos, que procuram esquecer-se nas frioleiras da costura.

O garoto de pé descalço, que nos apparece á esquerda, estatelado na areia, não provoca as nossas attenções absorvidas pela attitude pensativa da sua gentil companheira, sua irmã talvez; é uma excrescencia no meio d'aquelle quadro cheio de luz e de vida.

A MULHER QUE DEITA CARTAS

Uma *intrujice* viva aquella velha desdentada que lê nas paginas dos destinos.

Ao lado, ergue-se uma rapariga ingenua, que sentiu anuviar-se-lhe o sol doirado da primeira crença e que veio, tremendo, consultar os segredos da sciencia maldita.

Ao passar no jardim, colhera o malmequer, e esquecendo a prophecia da flor que tem nos dedos, escuta, arfando, receiosa, a palavra inspirada da bruxa.

Mas a bruxa não é má. Viu aquelle porte distincto, o olhar meigo, e o meio sorriso ingenuo da pomba enamorada, e commoveu-se.

Descobre-se-lhe nos olhos perspicazes e n'aquelle rir malicioso a intenção de fazer brotar uma esperança luminosa no coração apaixonado da sua cliente, e diz-lhe talvez:

«Vês... aqui... o futuro tem rosas e perfumes; vae e não chores; Deus é grande e elle... elle não te esquece.»

Quem me dera ser bruxa!

CATHEDRAL DO PARÁ

É uma das construcções mais sumptuosas d'aquella riquissima provincia do Brasil.

Ao fundo da rua direita do Açougue, rua que pode ser considerada a arteria principal d'aquella cidade altamente commercial, levanta-se com assombrosa magestade a cathedral do Pará.

A fachada, que a nossa estampa representa, deixa perceber que a construcção do edificio, examinada á luz da arte moderna, não é de certo irreprehensivel; mas considerada em relação ao gosto predominante, na epoca em que foi construida, nada deixa que desejar.

O largo em que a egreja está situada, dá áquella fachada magestosa o maior realce.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

O resultado do convite feito aos amaveis leitores e assignantes da *Illustração Portugueza*, para que nos enviassem as suas producções charadisticas, excedeu muito a nossa espectativa.

O numero das que nos teem sido obsequiosamente remettidas é tão grande, que chegará bem para duzentos numeros d'este semanario, ou mais.

Rogamos-lhes, pois, a fineza de sustarem por algum tempo as suas remessas, em face da prodigiosa quantidade que temos archivada, sob pena de só muito tarde poderem sair a lume.

Montámos uma especie de escala de todas as charadas recebidas, e vamol-as publicando pela ordem porque nos chegaram ás mãos.

*
* *

O encarregado da secção charadistica nada tem que ver com a administração d'este semanario, á qual os nossos bondosos assignantes deverão dirigir todas as suas reclamações, no que disser respeito a irregularidades na entrega dos numeros, mudanças de endereço, etc.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica, no ceu e no mar—1—2.

Este canto incommoda em S. Carlos—2—1.

Quem não anda, anda e desanda na Biblia—2—2.

Na arvore, da arvore e de arvore—2—1.

PYTHON.

Na musica, no moinho gira no rio—1—1.

Este apellido na musica é um rio—1—1.

ANONYMA.

Anda esta ave no mar—1—2.

Duas vezes aqui ha este jogo—1—1.

Cartaxo. TITO

EM QUADRO

. . . . Cidade
. . . . 1640, 1820
. . . . Ilha
. . . . No jogo

Mertola. F. M. DA COSTA.

ELECTRICAS

Ás direitas cidade, ás avêssas peixe—2

Ás direitas na fabula, ás avêssas no mar—2

PYTHON.

Ás direitas animal, e ás avêssas come-se—2

Ás direitas na mulher, e ás avêssas na mulher—2

TEIXEIRA COELHO.

EM VERSO

A primeira com certeza—1
Não é mesmo nada boa—1
Na ultima encontrarás
D'um verbo terça pessoa—1

Para charada tão facil
Conceito dar-te não sei;
Mas... em summa, sempre digo
que uma nação governei.

CUSTODIO SILVA.

CHARADA CALEMBOUR

Diminuindo—No carcere—2—2.

T. COELHO.

CHARADA PROBLEMATICA

5+2×3+5—8+1—9—junto ao mez das quatro lettras, causa dó a quem vê.

Vianna. M. DA SILVA VALENÇA.

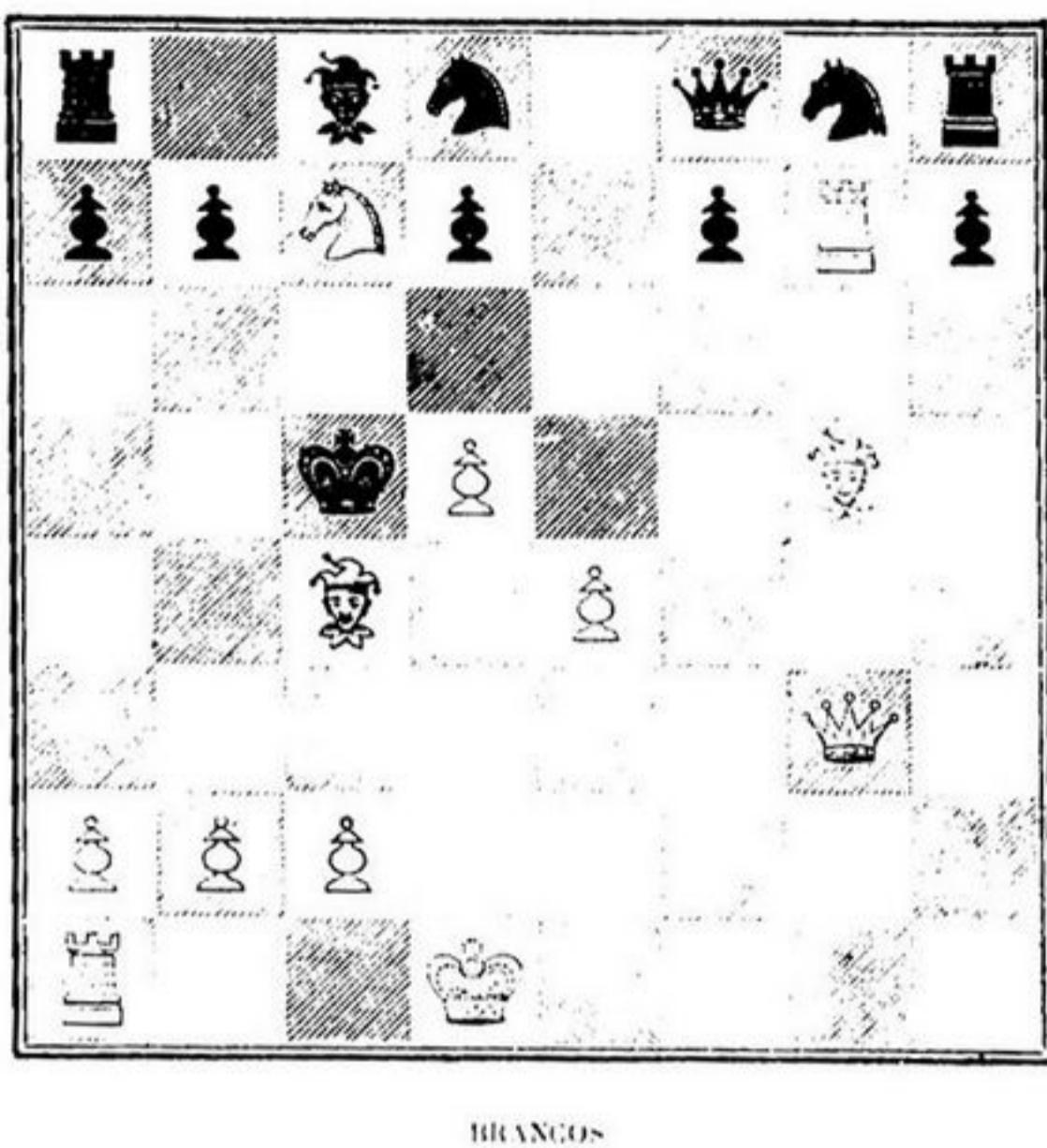
PROBLEMA

Dois camponezes levaram ao mercado 100 ovos, e voltaram com sommas eguaes. Se cada um vendesse os ovos pelo preço do outro, o primeiro teria recebido 1$800 réis e o segundo 800 réis. Quantos ovos tinha cada um?

MORAES D'ALMEIDA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 11

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

ENIGMA

Ha uma povoação portugueza que se encontra nas rosas e outra que se vê no pescoço das mulheres.

T. Coelho.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.ª—Logogripho.
2.ª—Panorama.
3.ª—Diagramma.
4.ª—Abano.
5.ª—Antithese.
6.ª—Caravela.
7.ª—g a m o
a d i r
m i e a
o r a r
8.ª—Opas
9.ª—Amar.
10.ª—Sacavem.
11.ª—Sérés.

Das adivinhas populares:

1.ª—Nora.
2.ª—Relogio.

Da carta enigmatica:—Bartholomeu.

Xadrez—Solução do 10.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. cheque.	1. R. toma T.
2. P. 6 C. D. cheque.	2. R. toma P.
3. D. 5 C. D. cheque.	3. R. 2 T.
4. D. 5 T. D. cheque e mate	

Do logogripho:—Hervoeira.

Do proolema:—Rapariga 3 contos, mãe 6, e rapaz 12.

Do enigma pittoresco:—A caridade é a consolação dos infelizes.

A RIR

—É um grandissimo caloteiro, aquelle patife!

—Porque, doutor?

—Porque? Ora essa! Um bregeiro que anda de carro e que ainda me deve a morte do pae!

*

Dialogo colhido á porta do Martinho:

—Se acabam de todo com a illuminação a gaz, o que ha de ser das minas de carvão?

—Ora essa! Você verá que começam logo a descobrir minas de electricidade.

*

A quanto monta a sua fortuna, meu tio?

—Para que queres tu saber isso?

—É que... o Luiz já sabe que ha de herdar 50 contos, quando lhe morrer o tio padre!...

Um Dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

As pommadas e os cosmeticos fabricados com productos d'uma qualidade duvidosa, atacam o couro cabelludo.

As materias rançosas, que entram na sua composição, produzem muitas vezes uma inflammação da pelle.

Para que isto não succeda e para que o cabello se conserve, aconselhamos a pommada seguinte, de preparo simples.

Tutano de vacca......	60 grammas
Oleo de ricino........	30 »
Tintura de benjoin. ...	10 »

Derreta-se a banho-maria e deixe-se esfriar.

BICHOS FACINORAS

Ha quatro annos, na *Revista geral do direito, da legislação e da jurisprudencia* (Paris), publicou mr. H. Duméril, dr. bibliothecario da universidade de Tolosa, dois extensos artigos acerca da situação juridica dos animaes, nos diversos tempos. O assumpto, que daria materia para um livro, é apenas tocado levemente n'esses artigos, cuja parte mais curiosa, e verdadeiramente interessante, é a que se refere aos processos intentados contra os animaes, por delictos commettidos por elles, assim como ás penas ecclesiasticas infligidas com toda a seriedade a tão singulares peccadores.

Muitos annos antes da publicação a que alludimos se havia tambem occupado do mesmo assumpto um antigo jornal portuguez (o *Panorama*, 1.ª serie, vol. 2.º e 4.º), em dois resumidissimos artigos, onde se não encontra a respeito de Portugal senão a indicação de uma noticia dada pelo padre Bernardes, relativamente ao processo que se instaurou no Maranhão contra uma enorme multidão de formigas que invadiu irreverentemente um convento franciscano, sendo afinal sentenciadas as rés, com todas as formalidades, excepto a de pagar as custas. Se porventura fossem melhor conhecidos os muitos documentos ineditos, relativos á historia das nossas instituições e costumes, sumidos nos archivos e cartorios do reino, por certo se encontrariam numerosissimos factos eguaes áquelle, não só em eras remotas, na edade media, em que a geral ignorancia favorecia a superstição, mas ainda em tempos muito mais recentes. Na bibliotheca d'Evora sabemos nós que existe inedita uma pastoral, datada de fevereiro de 1740, na qual se concede indulgencia plenaria, absolvição e benção aos moradores de Santarem, fulminando-se ao mesmo tempo, os raios da excommunhão contra uma bicharia daninha, que estava devastando os campos. Inclue-se n'essa pastoral, que é assignada pelo vigario geral do patriarchado, o dr. Luiz da Silva Pedroso, o teor de um breve, expedido de Roma no anno anterior (1). O bom do vigario não fazia mais do que seguir o exemplo de energia que sete seculos antes lhe havia dado o bemaventurado S. Bernardo, o qual, segundo refere um seu antigo biographo, castigou com anathemas a insolencia das moscas, que se atreviam a perturbar a devoção dos fieis, com o seu importuno zumbido, na egreja do mosteiro de Toigny. Accrescenta o biographo, que no dia immediato appareceram mortos todos aquelles excommungados insectos.

Iriam para o inferno?

Não sabemos se a sagrada theologia farejará n'esta nossa pergunta alguma pravidade heretica: temos, porém, a certeza de que perante a logica é perfeitamente justificada. Não podiam as moscas ser expulsas, em virtude da excommunhão, do gremio da Egreja, se a elle não pertencessem, se não fizessem parte da communhão dos fieis; ora, é indiscutivel, que morrendo em peccado, as suas alminhas seriam fatalmente gazofiladas pelo diabo, emquanto os seus negros corpinhos ficavam insepultos, de pernitas para o ar, e a asinha esticada.

Estas mesmas consequencias logicas já foram tiradas por um grave padre mestre, benedictino hespanhol, que, qualificando de blasphemos os ridiculos anathemas, não duvidava affirmar, que «submetter os animaes brutos á excommunhão era o mesmo que pretender baptisar um cão, ou uma pedra.»

Doutrinalmente foi a Egreja sempre contraria a similhantes farças, mas nem por isso a justiça ecclesiastica deixava de se comprazer na representação d'ellas.

(1) Vid, o 2.º vol. do *Cat. dos Ms, da Bibl. d'Evora*, pag. 81.

«Pelo meiado do seculo XVI, diz o jornal portuguez a que já alludimos, (1) padecia o principado das Asturias uma terrivel praga de ratos, que devoravam os fructos e destruiam as sementeiras. Recorreram primeiro contra elles a exorcismos; mas vendo que os ratos não eram diabos, tomaram uma resolução extravagante. Reduziram a materia a termos de justiça, perante um tribunal ecclesiastico, para que este, à vista do processo, fulminasse sentença contra aquelles sevandijas. Deram-lhes advogado, e procurador, que os defendessem: representaram estes que os ratos eram creaturas de Deus, e que se este os havia creado n'aquella terra, é porque lhes pertenciam os fructos d'ella. Apesar da allegação, tiveram os ratos sentença contra, e ordem de despejo, pena de excommunhão, se não fugissem para as montanhas. É tradição entre os povos das Asturias, que, allegando os procuradores dos ratos, que não podiam os seus constituintes cumprir a sentença, por causa de varios ribeiros que tinham de passar, os juizes mandaram atravessar sobre os rios barrotes que lhes servissem de pontes, e que então os ratos obedeceram, estando muitos dias a passar para as serras exercitos e exercitos d'elles. É facil de conhecer o credito que tal tradição merece; mas o extravagante processo ainda o viu o historiador Davila.»

Um historiador dos nossos dias, Mr. Sorel, (2) dá-nos o curioso quadro das formalidades adoptadas pelos tribunaes ecclesiasticos n'esta especie de processos. As povoações que tinham a queixar-se d'alguns insectos ou animaes daninhos, que lhes devastavam as searas, escolhiam um procurador que os representasse em justiça, e o qual dirigia o competente requerimento ao juiz ecclesiastico. N'esta petição deviam-se mencionar os signaes dos delinquentes, e designar com exactidão os logares devastados. Apresentava-se nos logares indicados um official de justiça, citando os brutinhos para comparecerem perante o magistrado, no dia e hora que lhes marcava. Esta citação repetia-se tres vezes, mas sempre infructuosamente: o juiz decidia-se então a julgar os reus á revelia, e começava por lhes nomear um advogado *ex-officio*, o qual se empenhava em prolongar o processo, enredando-o nos numerosos expedientes que lhe offerecia a rabulice forense.

Exgotados estes recursos, e se os criminosos no meio das dilações do processo não tinham abandonado o campo das suas proezas, seguia-se uma monitoria do juiz, intimando-os para que se retirassem dentro de um certo praso. Os reus, endurecidos no crime, desobedeciam ao venerando juiz, que por ultimo lhes desandava uma sentença de excommunhão.

Estes processos não se empregavam só contra collectividades, mas tambem contra individuos, e as penas espirituaes, consideradas, talvez, inefficazes, eram substituidas pelos supplicios ordinarios.

Em 1474 foi condemnado, em Bale, a ser queimado vivo, como feiticeiro, um gallo, que havia commettido o nefando crime de pôr um ovo. O fructo do peccado ardeu na mesma fogueira que reduziu a cinzas o peccador, com grande applauso da turba, porque era crença geralmente aceita, e indiscutida, que os ovos de gallo, procediam de relações condemnaveis com o espirito das trevas.

Os delictos communs tambem não ficavam impunes. Poucos annos depois de ser justiçado o gallo feiticeiro, subiu ao patibulo um boi, no bailiado do mosteiro de Beaupré, por ter matado, n'um accesso de furia, um rapaz de quatorze para quinze annos. O desgraçado pagou na forca aquelle momento de allucinação, que fez d'elle um facinora, legando a orphandade e a infamia aos tristes bezerros, seus filhos.

No seculo seguinte, no anno de 1585, soffreu egual ou peior sorte ainda, um desalmado porco, que dilacerou uma creança, causando-lhe a morte. A' refinada crueldade do facinoroso correspondeu a severidade da justiça, que, depois de um processo regular, condemnou o reu ao supplicio da forca, sendo depois esquartejado e os quartos expostos na estrada publica, para servirem de pasto ás aves carnivoras e de exemplo a todos os scelerados da raça suina.

Mr. Duméril, de quem extrahimos a maior parte d'estas noticias, dá-nos ainda uma informação extremamente curiosa, e que vamos transmittir aos leitores, desornada de rhetoricas e até de pontos de admiração.

«Os terroristas, que eram muitas vezes imitadores servis do antigo regimen, pelo qual tinham a maior execração, ainda n'isto seguiram a tradição. M. Campardon, na sua *Historia do tribunal revolucionario de Paris*, cita um relatorio, dirigido a Fouquier-Tinville, da execução de um cão condemnado á morte pelo tribunal. Esse cão, aristocrata ferrenho, tinha mordido os vendedores de jornaes patriotas. Pelo modo porque ladrava parecia ameaçar a nova ordem de coisas. Foi morto a paneada, na presença de um inspector de policia, emquanto que o dono, um tal Saint-Prix, subia ao cadafalso.»

D.

CATHEDRAL DO PARÁ

(1) Panorama, 2.º vol, pag. 149.
(2) Citado por Mr. Duméril, nos artigos a que já nos referimos.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA